

Fotografia: os múltiplos espaços na imagem

Carolina Maduro y Jofre Silva (*)
UFRJ

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 142-144. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: enero 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: A proposta busca discutir o papel dos espaços na imagem fotográfica, dando enfoque para o chamado Espaço Transiente; sua presença sugere uma noção de passagem e movimento e é identificada na imagem a partir dos borrados e tremidos. Através de trabalhos práticos, os elementos analisados foram utilizados para realizar processos de criação visual com a intenção de ampliar a compreensão dos aspectos teóricos da investigação.

Palavras chave: Construção da imagem - espaços na imagem - Espaço Transiente - criação visual.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 144]

Desde o início da prática fotográfica, a construção da sua imagem pode ser entendida como o registro do tempo sob a forma de uma extensão espacial. Daí em diante, os estudos sobre os espaços dentro da fotografia abrangem diferentes áreas e, portanto, resultam em diversas análises. A intenção aqui, a princípio, é construir um entendimento sobre a presença de múltiplos espaços existentes na imagem fotográfica. O pensamento surgiu a partir da literatura de Roland Barthes referente aos múltiplos retratos, onde ele postula: “Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte” (Barthes, 1984, p. 20).

Nesse trecho do livro, Barthes se refere ao comportamento do sujeito frente a câmera e à leitura do fotógrafo e do usuário da fotografia sobre ele, ou seja, a existência de múltiplos sujeitos fotografados. Partindo dessa análise, trago para a discussão essa temática dos múltiplos retratos para desenvolver uma discussão sobre a presença de múltiplos espaços existentes na fotografia.

Considerando que existem diversos espaços presentes na imagem fotográfica, a presença de três, em particular, são observados inicialmente e foram analisados também por Anushka Lemos (2014). São eles: a realidade ligada ao contexto da produção da imagem, isto é, o espaço visto pelo fotógrafo, um espaço real e passado; a realidade pertencente a imagem, o resultado de um olhar do fotógrafo da realidade primeira, portanto, um espaço construído, e atual; e a terceira consiste no espaço da imaginação, o espaço resultante a partir da segunda realidade, mas que depende da interpretação da pessoa que interage com a imagem. Se levarmos em conta os observadores da imagem fotográfica como sujeitos provedores dos seus próprios processos de subjetivação, corpos oriundos de existências e experiências distintas, a leitura sobre o espaço impresso na imagem varia e promove o surgimento de múltiplos espaços fabulativos entre o espaço real e o espaço construído.

Espaço transiente

Com a intenção de aprofundar o estudo dos múltiplos espaços, me deparo com um espaço outro, de movimento e sinergia. Essa realidade é decorrente da aproximação e convergência da imagem fixa com a imagem em movimento, resultando no borrado e no tremido na imagem fotográfica. Esse fenômeno acontece devido a algumas técnicas no ato do disparo fotográfico, dentre elas, o aumento do tempo que o obturador fica aberto, o movimento do equipamento ou o uso de anteparos translúcidos frente à lente, por exemplo. Essa prática resulta em figuras distorcidas e vultos fantasmagóricos que nos remetem a sensação de transformação e de transe, possibilitando a transmissão de uma gama infinita de sentimentos, que vão da angústia à leveza. A presença do Espaço Transiente na fotografia é também uma forma de romper com a ideia de representação fiel da realidade e levar tanto o fotógrafo como o usuário da imagem para uma atmosfera de inquietação, surpresa, sonho e devaneio.

Aqui, esses acontecimentos são observados pela ótica da percepção dos espaços, já que a presença desse fenômeno na imagem fixa sugere, além de uma inscrição temporal, o acréscimo de uma dimensão espacial. Ronaldo Entler (2007), em seu artigo “A fotografia e as representações do tempo” diz:

“Não temos aqui, como no cinema, uma inscrição do tempo no tempo, aquilo que permite um efeito de analogia temporal, mas uma inscrição do tempo no espaço, na superfície da fotografia. Exemplificando, dois segundos do movimento de um objeto podem ser percebidos no cinema como dois segundos de projeção. Na fotografia, esse mesmo movimento poderá aparecer como dois centímetros sobre os quais um ponto do objeto se espalha. Um ponto dessa realidade se arrasta formando uma linha, uma linha, por sua vez, resulta num plano (p. 32).

Ao perceber o Espaço Transiente na imagem fixa, o usuário entra em contato com uma figura que se arrasta na superfície fotográfica como se percorresse o seu próprio

caminho e tentasse fugir da cena. A escolha por denotar esses espaços inseridos na imagem como uma experiência de transiência, surgiu a partir da tentativa de encontrar alguma palavra que aproximasse a sensação de passagem como a sensação de um transe — estar fora do lugar comum — algo que emana forças antagônicas internas e nos tira do “conforto” de uma situação fixada pela tecnologia fotográfica.

Esses picos de movimentos borrados na fotografia se assemelham também ao fenômeno do transiente elétrico na física, entendido como rápidos surtos de tensão momentâneos no estado estacionário da rede elétrica, classificados como oscilatórios ou impulsivos. Assim, quando a fotografia apresenta um Espaço Transiente, observamos também essa quebra na expectativa, esse pico de tensão na imagem que nos desperta e transporta para outro lugar, um lugar distinto do estado estacionário da fotografia, um lugar, portanto, de transe. Podemos comparar ainda, o gráfico de um transiente elétrico com a imagem que contém um Espaço Transiente. No gráfico voltado para os estudos da física (ver <https://alltecglobal.com/articles/what-is-an-electrical-transient/>), podemos observar, como bons leigos no assunto, uma corrente que começa estável e graças às rápidas alterações de tensão elétrica, gera elevações que nos levam para além da voltagem inicial, semelhante a um salto, que te faz desgarrar-se do seu caminho e depois voltar para a estabilidade; e por algum motivo interno ou externo se desgarrar da onda novamente, para instantaneamente voltar. Na imagem fotográfica, muitas vezes nossos olhares se confundem, vão e voltam, ora para os pontos de instabilidade, ora para os de fixidez.

Espaço Transiente é, portanto, um espaço onde coisas acontecem de forma efêmera, onde o estático não permanece, é passageiro, transitório. É um momento que quase passa para o momento seguinte. “É um instante que se prolonga sem deixar de ser instante”, explica Bellour (1997) e que ao mesmo tempo reúne todos os instantes em um espaço único que nos desperta uma sensação de fuga da realidade. Segundo o autor:

Trata-se sempre de uma irrupção daquilo que o instantâneo esconde, da fixação na imagem de um movimento que supõe uma espécie de estrondo interno e, se não de um encontro, pelo menos de uma fricção entre o corpo-olhar e a realidade que aparece, num estremecimento (p. 99).

E dessa maneira resulta em um espaço distinto dos outros espaços presentes na imagem fotográfica. Um espaço perturbado por forças internas, um território instável e desequilibrado dentro da imagem, por conseguinte, um espaço outro dentro da fotografia.

Capacidade fabulativa

Entendemos que a natureza tecnológica da fotografia desde sempre nos conectou com o mundo quase como uma reprodução fiel da realidade, como uma espécie de registro do real. No entanto, a tecnologia também nos

permitiu, desde o início, testar o movimento de distorção da realidade, um descolamento do mundo real e um novo caminho para um universo imaginário, fictício e poético (Silva, 2005). Pode-se dizer que essa prática teve grande força com os “Photo-Secionistas”, no final do século XIX, e ainda continua presente das mais diversas maneiras na contemporaneidade.

Os Photo-Secionistas, por exemplo, gostavam de desenhar e alterar as imagens, arranhar e danificar os próprios negativos. Esse tipo de demonstração dos processos de criação é só um exemplo de como a fotografia pode, além de fixar e registrar passagens reais da vida, manifestar processos de subjetivação distintos, sem estabelecer vínculos diretos com os elementos físicos presentes diante de uma câmara.

Analisando os estudos de Deleuze, Gilles e Guatarri (1992), por exemplo, podemos entender que a construção de mundos fictícios a partir da fotografia é decorrente do exercício de fabulação tratado pelos autores. A tecnologia fotográfica permite fabular em cima do espaço inicial (primeira realidade) a fim de construir um espaço novo (uma outra realidade), proporcionando tratamentos plásticos com propostas estéticas singulares e, portanto, inovadoras. Fabular consiste em permitir que o pensamento atue com intenso vigor em cima de lembranças e vivências, possibilitando uma viagem de quem fotografa ao seu interior mais profundo. Ao desterritorializar qualquer pensamento primeiro para a construção de uma nova realidade, possibilita que o efeito não seja somente re-apresentações de algo que já passou, mas um resultado estético decorrente dos seus próprios processos de subjetivação. É uma forma de romper com concepções do mundo da opinião, a fim de produzir experiências que se sustentem e se conservem em si mesmas, ou seja, se tornem independentes tanto dos seus autores quanto do público.

A partir do momento em que a obra se mantém de pé sozinha, ela se torna um composto de sensações, permite que os diferentes sujeitos que interagem com a imagem possam então fabular em cima dela. A fotografia, como um “ser de sensações”, tem a capacidade de ser, por si mesma, um objeto que possibilita zonas de desconhecimento, portanto, espaços abertos a novas fabulações. Quando nos deparamos com a situação do Espaço Transiente na fotografia, entendemos que sua presença é uma manifestação plástica dos desejos do fotógrafo, uma tentativa de afastamento de uma noção de realidade registrada pela câmara e logo, em muitos casos, um exercício de fabulação, resultando em imagens que combinam a deformação do objeto fotografado com a sensação de passagem de tempo. Esses dois elementos combinados geram possibilidades de múltiplas interpretações que resultam na criação de inúmeros mundos imaginários e na construção de diversos espaços fabulativos por parte dos usuários da imagem.

Como tentativa de desenvolver um ensaio fotográfico que explore o conceito de Espaço Transiente e, conseqüentemente, exerça a prática da fabulação, realizo experimentos que envolvem meu corpo e o movimento dos pássaros. Meus processos de criação adotam aspectos do pensamento de Michel Foucault (2011), principalmente quando retoma a figura dos Cínicos, filósofos da

antiguidade clássica que buscavam, pela palavra e o próprio comportamento, o desaparecimento de bens materiais, desfrutando ao máximo do cuidado de si, nos seminários intitulados “A Coragem da Verdade”, publicado em 2021. A proposta do meu ensaio é utilizar o Espaço Transiente para a elaboração de uma noção de mutação, em sua transfiguração de si. A reformulação da imagem de uma mulher apegada caminha para habitar o lugar da fratura, do seu desaparecimento máximo, na tentativa de alcançar uma vida outra, um mundo outro. E da mesma forma que os cínicos são comparados aos cães, o ensaio propõe trazer a imagem dos pássaros que se lançam ao abismo em seu primeiro voo dotados de sua coragem instintiva.

Tal compreensão ganha força quando insiste no estudo dos borrados e tremidos na imagem fotográfica e os leva para o entendimento desse fenômeno como o surgimento de um espaço novo. Além disso, podemos perceber então que a presença do Espaço Transiente promove um impacto grande no entendimento de quem interage com a imagem, já que o efeito da redução da velocidade do obturador ou o uso de outra técnica, em conjunto com a tentativa do fotógrafo de romper com a realidade, nos coloca em contato com figuras distorcidas e vultos fantasmáticos, resultantes da compressão do tempo que insiste em se expandir, possibilitando uma ida ao encontro de mundos desconhecidos, aguçando os processos de subjetivação do fotógrafo e dos múltiplos usuários da fotografia. Por fim, esse exercício prático, por intermédio dos experimentos estéticos, contribui para ampliar a compreensão da dimensão teórica do estudo, fortalecendo as bases do conceito do Espaço Transiente.

Referências bibliográficas

- Barthes, Roland. (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 2. ed. Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bellour, Raymond (1997). *Tributo ao fantasma. Entre-imagens: Foto, cinema, vídeo*. Brasil. São Paulo: Papiros.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1992). *Percepto, Afecto e Conceito. O que é filosofia?* Brasil. São Paulo: Editora 34.
- Entler, R (2007). *A fotografia e as representações*. Galáxia (PUCSP), n.14, p.29-46.
- Foucault, Michel (2011). *A coragem da verdade*. Brasil. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Lemos, A. R (2014). *Da fotografia, o espaço como personagem: articulações, dinâmicas e experiências*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, Brasil, São Paulo.

Silva, Jofre (2005). Design e Fotografia: em busca de novos caminhos poéticos. In: Moura, Mônica. (Org.). *Design, Arte e Tecnologia* (p.1-12). 1ed. Brasil. São Paulo: Rosari e Universidade Anhembi Morumbi.

Abstract: The proposal seeks to discuss the role of spaces in the photographic image, focusing on the so-called Transient Space; its presence suggests a notion of passage and movement and is identified in the image from the blurry and shaky elements. Through practical work, the analyzed elements were used to carry out processes of visual creation with the intention of expanding the understanding of the theoretical aspects of the investigation.

Keywords: Construction of the image - spaces in the image - Transient Space - visual creation.

Resumen: La propuesta pretende discutir el papel de los espacios en la imagen fotográfica, centrándose en el llamado Espacio Transitorio; su presencia sugiere una noción de paso y movimiento y se identifica en la imagen a partir de las imágenes borrosas y movidas. A través del trabajo práctico, se utilizaron los elementos analizados para llevar a cabo procesos de creación visual con la intención de ampliar la comprensión de los aspectos teóricos de la investigación.

Palabras clave: Construcción de la imagen - espacios en la imagen - Espacio transitorio - creación visual.

(*) Carolina Maduro: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Design, pela UFRJ. Graduada em Artes Cênicas - Cenografia na Escola de Belas Artes pela UFRJ. Atua profissionalmente como fotógrafa, produtora audiovisual e cenógrafa. Teve seu projeto - Cenografia em Trânsito - selecionado para representação brasileira estudantil de Desenho da Performance na Quadrienal de Praga pela categoria [fala]AÇÃO. Em 2021 recebeu o Prêmio FUNARTE RespiARTE com o vídeo “Família Bonna: Um Rio Caipira”. Contribuiu ainda com a produção audiovisual de três projetos contemplados pela Lei Aldir Blanc: “Folia de Reis do Sertão Carioca”; “Festival Paquetá: Cultura na Rede”; e “III Festival Rio de Violas”. **Jofre Silva:** PhD em Fotografia, pelo Central Saint Martins College of Art and Design, Universidade das Artes de Londres (1999). Diploma em Fotografia, pelo Goldsmiths' College, da Universidade de Londres (1992). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o laboratório: Photography: Art, Design and Communication – PHADEC (<https://phadec.eba.ufrj.br/>).